

Carta Trimestral MOS FIA – 3T16

O terceiro trimestre de 2016 foi marcado pela tão esperada votação do impeachment no Senado. No dia 31 de agosto de 2016, com 61 votos a favor, a presidente Dilma Rousseff foi afastada definitivamente da Presidência da República. Assim, Michel Temer assumiu em definitivo e juntamente com sua equipe econômica e o Congresso pôde começar as tratativas para a implantação de uma agenda de reformas para o país.

Reformas como a PEC dos gastos, da Previdência, Fiscal e Trabalhista são essenciais para que o país recupere sua credibilidade, diminua os juros sustentavelmente e atraia novos investimentos – fatores essenciais para voltarmos a uma rota de crescimento. Esses próximos meses serão cruciais para avaliarmos o poder de fogo dessa nova coalizão governamental e quão responsáveis e compreensíveis serão os nossos deputados e senadores por esta agenda. A monitorar.

Além disso, outro aspecto macroeconômico que continua influenciando as bolsas de valores é a política de juros zero (ou negativos, em alguns casos) que muitos países desenvolvidos têm adotado. Hoje há uma enormidade de dinheiro - nunca vista na história - circulando pelo mundo em busca de ativos com mais rentabilidade (“*search for yield*”). Isso ajudou a inflar o preço de muitas bolsas mundo a fora – inclusive a brasileira. A pergunta que fica é: até quando isso vai durar? E qual seria o efeito de uma normalização da política de juros no mundo? O fato é que esse fenômeno dos juros negativos foi muito pouco explorado na literatura econômica (porque é inédito, nessa intensidade), portanto podemos dizer que o mundo está navegando em águas pouco testadas.

Outros assuntos que rondam o mercado são, principalmente, (i) uma potencial nova crise financeira na Europa (problemas com o maior banco alemão, o *Deutsche Bank*, começam a surgir no radar) e (ii) questionamentos sobre a saúde da economia chinesa: conseguirá ela se manter o motor de crescimento do mundo? Há ou não uma bolha de crédito no país?

Mas por que esses assuntos macroeconômicos acabam entrando em nossa pauta de preocupações, já que somos investidores fundamentalistas de empresas?

Isso acontece porque eles acabam influenciando os preços dos ativos na Bolsa e o fato é que temos nenhum controle sobre estas variáveis. O nosso trabalho é identificar os sinais dentro do ruído, ou seja, verificar se esses temas macroeconômicos (juntamente com uma infinidade de temas microeconômicos) são fontes temporárias de volatilidade ou se são fontes de alterações permanentes no valor intrínseco dos negócios que investimos e acompanhamos. Assim, testamos constantemente nossas premissas, monitoramos os riscos e as virtudes de nossas investidas, comparamos seus preços de mercado com seu valor intrínseco e, com isso, buscamos uma alocação de portfólio com o melhor risco-retorno possível.

Nosso objetivo é gerar riqueza ao longo do tempo acima do custo de oportunidade de nossos cotistas. Então, olhamos sim para o que temos a ganhar em nossos investimentos, mas também temos que nos preocupar com o que podemos perder. Esse equilíbrio é, em nossa visão, a melhor forma para sermos bem-sucedidos na realização do nosso objetivo.



MOS FIA*

***Anteriormente Teorema FIA**

Na maior parte do portfólio do FIA, temos buscado empresas das quais gostaríamos de ser sócios em qualquer cenário, seja ele de bom ou mau humor com mercados emergentes – e especialmente com Brasil. Ou seja, as teses de investimento nessas empresas podem se concretizar (em maior ou menor grau) independentemente do humor dos investidores com as bolsas mundiais.

Dito isso, nossa carteira continua ancorada em dois grandes negócios brasileiros (Itaú e BM&F Bovespa, que somam 36%) e em dois grandes negócios globais (Berkshire Hathaway e Johnson & Johnson), que somam 9%. Outros 25% do fundo estão alocados em empresas que julgamos baratas, e por estarem passando por alguma dificuldade conjuntural, nos deram oportunidade de montarmos posição (são elas Guararapes, Gafisa, Valid e T4F). O restante do portfólio, cerca de 13%, está alocado em empresas em que estamos iniciando o processo de investimento (BRF e Energisa) e naquelas em que a tese de investimento já aconteceu em boa parte (e por isso diminuimos consideravelmente seu tamanho no fundo), mas que ainda julgamos interessante as carregarmos por serem negócios de qualidade. São elas Fleury, CCR e M Dias Branco.

Caso tenha alguma dúvida, não hesite em nos contatar.

Obrigado pela confiança,

MOS Capital

+55 11 3085-1522

ri@moscapital.com.br

www.moscapital.com.br



As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. É recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os fundos de ações com renda variável podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Caso o índice comparativo de rentabilidade utilizado neste material, não seja o parâmetro objetivo do fundo (benchmark oficial), tal indicador é meramente utilizado como referência econômica. Para obter informações sobre o uso de derivativos, conversão de cotas, objetivo e público alvo, consulte o prospecto e o regulamento de cada fundo. Verifique a data de início das atividades destes fundos. Para avaliação da performance de fundos de investimento, é recomendável uma análise de, no mínimo, 12 meses.